

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs. com estampilha..... 600 rs.
Fóra do reino accresce o porte o correio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
Rua d'Arruella n.º 119

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.
Annuncios e comunicados, a 50 rs. a linha.
Repetições..... 25 rs. a linha.
Annuncios permanentes 5
Folha avulso..... 40

Séde da imprensa
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto.

O POVO D'OVAR

A INDUSTRIA NACIONAL

Alguna cousa de bom nos haviam de trazer as festas da Beira, que custaram rios de dinheiro. O reclame, que o caminho do ferro faria em uns poucos d'annos, tornando conhecidas as manufacturas da Covilhã, foi visivelmente augmentado e teve mais rapido successo com a visita dos reis cercados pelo jornalismo.

Os jornalistas não foram insensíveis ao bom acolhimento que lhes fizeram os povos da Beira. E elles, que até ahí haviam sido os mais furiosos defensores das industrias estrangeiras, quando, mesmo na *reportage*, adoptavam a terminologia de fora, tendo por distincto o que vinha d'alem das fronteiras ou o que d'esse privilegio gosava, transformaram a sua opinião.

Veiu assim o patriotismo *enragé* substituir o estrangeirismo, que no nosso meio persistia sem rasão alguma de ser. E, na verdade, viram os jornalistas que se tecidos da Covilhã eram eguaes aos melhores do estrangeiro: que uma boa parte das fazendas vendidas pelos mercadores, como inglezas ou francezas eram nossas, mas que assim não podiam ser vendidas porque o comprador era o primeiro a depreciar a manufactura do seu paiz.

Em virtude d'isto começou a acerrima propaganda em favor das nossas fabricas. Prosegue ella e ha-de colher bons fructos; porque é o inicio do nosso renascimento economico.

A rainha D. Maria Pia ainda ha bem pouco recebeu de Paris tres vestidos, que importaram em algumas dezenas de contos.

Nunca sua magestade se dignou volver os olhos para a industria nacional, porque, presando demasiado a sua elegancia, julgava baixo vestir-se com as nossas manufacturas. E isto durou annos e annos, sem que os jornaes ouzassem criticar severamente este acto da rainha, que não passava de um prejuizo, mas que reverteria desfavoravelmente contra as nossas industrias amesquinhas e depreciadas, por quem se arrejava o titulo da suprema elegancia.

A ultima remessa dos vestidos da rainha-mãe encontrou o espirito publico preparado de diferente forma. Tal acto não pôde ser visto com agrado por pessoa alguma.

Se algum jornal appareceu ainda a querer co-honestar semelhante procedimento fundava-se apenas em que a sr.ª D. Maria Pia tem ampla liberdade de se vestir como e onde quizer, pois na sua vida particular ninguem pode entrar.

Não é tanto assim. A vida particular d'um rei ou de uma rainha, não é o mesmo do que a vida particular de qualquer cidadão. Elles estão collocados na cuniada da sociedade, vivem do largo estipendio que a nação paga, rodeiam a sua vida particular de tal pompa exterior, que a nação se vê forçada a gastos extraordinarios perfeitamente escusados. E, se não, olhemos para a Granja. Não é um acto puramente particular o ir a sr.ª D. Maria Pia tomar banhos? evidentemente; e comtudo lá está aquartelado uma boa porção de tropa fazendo grande despeza, afóra muitos outros gastos que a nação pagará.

A rainha D. Maria Pia, que á nação muitos serviços deve devia para com ella ser mais atenciosa, mais condescendente, interessando-se pelo seu progresso e desenvolvimento industrial.

Comprehendem melhor o seu papel os nossos jovens reis.

Procuram affastar por todos os modos a nuvem da revolução que impende constantemente sobre as suas cabeças. E para lisongear o povo pensam, e bem, que devem auxiliá-lo no seu trabalho, promovendo o seu bem estar.

Dando o exemplo, vão gastar das fabricas nacionaes as manufacturas precisas para os seus vestidos: dão ordem para que na sua casa se prefiram as mercadorias nacionaes as estrangeiras.

Seguem bom caminho. São os reis um dos melhores incentivos para o desenvolvimento das artes do seu paiz, quando lhes dão toda a protecção, quando se tornam os seus defensores.

Tambem é um dos melhores titulos para o reconhecimento popular este da protecção ás artes.

Os jovens reis attenuam assim o pessimo effeito que produziu a regia viajata á Beira em que se gastaram rios de dinheiro.

POR AHÍ

Os jornaes monarchicos apreçiam por diversa fórma o indulto. Poucos tecem elogios ao monarcha por o indulto ser demasiado restricto.

E' claro que as folhas republicanas não se dão por satisfeitas, e continúam, como d'antes a guerra contra a perseguição feita pela realza aos revoltosos de 31 de janeiro.

Foi, em verdade, demasiado prometido pelo governo e demasiado calculado o indulto. Fez-se

d'elle uma arma politica. Por isso depreciaram esse acto, que podia ter sido tomado por magnanimidade e grandeza d'alma do rei. Assim não.

Veja-se como uma folha monarchica aprecia o indulto:

«Essos desgraçados, injustamente julgados e presos, não estavam moralmente absolvidos, visto que a consciencia publica os não tinha considerado criminosos e apenas desejava que lhes fosse feita justiça?»

Comprehende-se que se perdem penas a criminosos provados, e é sempre agravel registar actos semelhantes, partam elles d'onde partirem, embora careçam da espontaneidade, que é o seu mais bello accessorio; mas a logica mais elemental repelle que se conceda indulto a quem não foi, nem podia ser julgado criminoso.

Esses presos tinham direito a uma reparação, visto que a justiça errara na applicação da lei, deixando-se porventura dominar pelo exagero da repressão, mas nunca podia pedir perdão de factos que lhes não foram reconhecidos.

Portanto a régia elemencia, a exercer-se, devia ter mirado aos chefes do movimento, áquelles a que ninguem pôde negar responsabilidades, e que usaram da sua intelligencia, da sua pena, do prestigio do seu nome, ou da força da disciplina, para arrastarem após de si; a combater pelos seus ideaes, os que n'elles confiavam e os seguiram.

A isso chamar-se-ia magnanimidade e grandeza d'alma: e a noticia d'esse indulto, que o seria então verdadeiro, faria talvez criar dividas de gratidão, abandonaria odios e echoaria pelas nações do mundo como exemplo do fino tacto politico e como acto de admiravel generosidade».

A reforma do municipio de Lisboa, lançou na capital uma certa effervescencia, que durará talvez até depois das eleições, que, segundo parece não veem longe.

Vamos presenciar um bello espectáculo.

Ainda era mal conhecida a reforma e já o *Século* a approvava, cantando-lhe louvores. Este antigo jornal republicano, depois que começou a ser empreza rendosa, vae-se achando bem com o *systema* monarchico.

Os outros jornaes republicanos e alguns jornaes monarchicos, á frente dos quaes se acha o «Correio da Noite», do sr. José Luciano, criticam asperamente a reforma, achando-a pouco liberal, muito centralizadora, pois colloca n'uma situação precaria qualquer vereação. Pela coisa a mais insignificante pode o governo dissolver aquella corporação.

Em vista da reforma era

talvez melhor acabar com o municipio entregando ao governo a sua administração, como opina o «Portuguez».

Vê-se d'isto quanto os governos tem medo de arcar com a opposição republicana de Lisboa, e como se vão armando para o caso de uma derrota na urna.

E é a derrota o que os progressistas desejam ao sr. Marianno de Carvalho, autor da reforma e director da lucta eleitoral, que se vae ferir.

Os jornaes progressistas incitam o chefe do seu partido a que, desde já, marque qual a attitude dos seus correligionarios em face da lucta eleitoral; isto para ivitar quaesquer compromissos, que se possam tomar com o sr. Marianno.

Ha-de ser difficil obrigar o sr. Jesé Luciano a desmascarar-se deante do corpo eleitoral, pela simples razão de que uma attitude definida só se pode tomar quando se dispõe de força. Ora a unica força do partido progressista em Lisboa reside no sr. Marianno de Carvalho, que a pode manobrar á sua vontade.

Os republicanos são appellados para os comicios. Os progressistas provavelmente emudecerão. E os regeneradores caminham de braço dado com os progressistas do sr. Marianno.

Quem levará a mulher? Veremos, que ainda não é tarde.

Novidades

Fallecimento — Falleceu o filhito mais novo do nosso amigo Manoel Bernardino d'Oliveira Gomes.

—Falleceu a mana do ex.º sr. dr. Albino Leite de Resende muito digno juiz de direito de Vouzella.

Damos sentidos pesames.

Roubo. —Roubaram a um lavrador d'esta freguezia, o sr. Manoel Costa 300 libras em ouro.

Por vezes o sr. Costa havia affirmado em publico que possuía aquellas libras, mas que as não trocava por maior que fosse o premio.

Afinal trocaram-lh'as de graça.

Ignora-se por emquanto quem seja o autor do furto.

Furadouro. — Tem debandado do Furadouro a maior parte das familias.

Findou o mez das ferias e o tempo sempre humido do nevoeiro não conviã.

—Consta que tem sido chamados á administração do concelho alguns individuos accusados de jogar o monte e a roleta.

Ignora-se com que fim.

Juizes de paz—Na quinta feira passada, prestaram juramento no tribunal os juizes de paz ultimamente nomeados para servirem nos districtos pertencentes a esta comarca.

Tribunal commercial—Installou-se na sexta-feira o tribunal commercial n'esta comarca.

Vão-se simplificar em extremo os complicados processos que corriam no tribunal arbitral.

Oxalá os jurados commerciaes cumpram com o seu dever, afastando do tribunal as porcarias politicas!

A Ideia Nova.—Recebemos os tres primeiros numeros d'este nosso collega, que diariamente se publica no Porto.

A *Ideia Nova*, como no seu prospecto promettia, alistou-se francamente na guarda avançada do partido democratico, batendo com vigor o partido monarchico.

E' um jornal muito bem redigido, d'uma collaboraçã variada. Politico e noticioso ao mesmo tempo, vem preencher um logar ao jornalismo democratico portuense.

Ao nosso collega desejamos um largo e brilhante futuro.

Policias.—Esperava-se hentem alguns policias civis d'Aveiro para policiar a praia do Furadouro e a villa.

Requisitou-os o sr. administrador do concelho.

Influenza—Continua crescendo esta epidemia.

Pesca.—Não tem havido pesca na nossa costa, por causa do mar ser bravo.

Esgotou-se toda a sardinha salgada que havia nos armazens.

Os nossos mercanteis tem ido comprar a que havia nas outras costas, como Torreira e Espinho.

A bica.—A bica da Praça foi dotada com uma pia de pedra. Era-lhe indispensavel este accessorio para as escadas da Praça não estarem constantemente encharcadas.

E já que as obras da bica estão terminadas pedimos á camara que manle collocar um urinol um pouco mais abaixo. E' uma obra de reconhecida utilidade; e se não que o digam os que vivem junto ao Paço da Praça.

Um sacerdote invenenado.—Em Morez, Castellon, o abbade da freguezia, estando a dizer missa, sentiu-se repentinamente incommodado, sendo preciso transportarem-no á sua residencia.

O medico chamado verificou que o sacerdote ingerira um violento veneno, propinado certamente no vinho da missa.

Os Borgias deixaram descendentes!

O MELHOR LIVRO

Sabeis qual é o livro em que eu medito e estudo,
Formoso e sempre novo a quem attento o ler,
A venerada biblia em que se encontra tudo
Que fala ao coração, que ensina a amar e crer?

Chama-se a *natureza*. O seu autor sublime
E' Deus, o eterno mestre! E' Deus, a eterna luz.
Poema sem rival, quanta belleza exprime!
Sciencia sobrehumana em tudo se traduz!

Apraz-me ver do ceu as nuvens cor de rosa,
Quando reponta a aurora e vaé nascer o sol;
Da matinal penumbra a onda vaporosa
Transforma-se em brilhante, em lucido arrebol.

O rei dos astros surge em circulo de fogo,
Que augmenta mais e mais em rutilante cor;
A gigantea cabeça erguendo vaé, e logo
E' dia; e tudo sóta um cantico de amor!

No seio do arboredo o rouxinol mimoso
Desprende alegremente os doces carmes seus;
E desde a herva humilde até ao cedro annoso
Tudo proclama um rei, tudo bendiz a Deus!

E o mar?... eu amo, adoro o mádido elemento,
Leão de enorme grenha e de bramir feroz!
Ora rugindo altivo, assustador, violento,
Ora falando á praia em amorosa voz.

Bemdito se'as tu, Senhor, que assim nos deste
Tanto que ler e amar no grande livro teu!
Bemdito sejas tu, que na alma nos poseste
O amor d'esta leitura, a aspiração ao ceu!

E' pois a natureza o livro eterno e santo
Que revigóra a fé aquem n'elle aprender;
A biblia sem limite, a offerecer-nos quanto
Nos fala ao coração, e o ensina a amar e crer!

D. M. A. d'Andrade

Os grandes incendios.

—N'uns grandes armazens de
materias oleoginosas, existentes
na Philadelphia, manifestou-se
n'uma d'estas ultimas noites um
violentissimo incendio. Arderam
muitas casas de commercio que
lhes ficavam contiguas.

Tambem foram destruidos trez
enormes edificios e muitos bom-
beiros ficaram feridos.

Receia-se que tenha morrido
queimada muita gente.

**Os allemães e o em-
prestimo russo**—Com gran-
de surpresa para os francezes, o
chancellor Caprivi declarou que
não julgava opportuno seguir o
exemplo do principe de Bismarck,
prohibindo que se abrissem subscri-
pções para o novo emprestimo
russo, na Allemanha.

As casas bancarias dos snrs.
Mendelssohn e Waschaner resolveram
tomar parte na subscri-
pção, mas como muitos jornaes
protestaram, allegando que o di-
nheiro ha-de ser destinado á
Russia fazer guerra á Allemanha
os referidos banqueiros desistiram
de tomar parte na subscripção.

Inglaterra.—Um tele-
gramma de Bombaim datado de
29 dá conta de um successo que
contribuiu para augmentar o re-
ceio que ha tempos vem produ-
zindo a attitudé dos russos na
Asia Central.

Affirma este telegramma que
chegam reforços de tropas á fron-
teira noroeste do Afghanistau, e
que ao mesmo tempo se fazem

ali grandes preparativos bellicos,
como se estivesse imminente uma
campanha.

Isto, alliado á occupação pe-
los russos do planalto de Pamyr
e aos boatos de um tratado se-
creto entre a Russia e a Persia,
produz em Londres natural in-
quietação, e crê-se portanto que
o governo inglez adoptará ener-
gicas medidas, no sentido de au-
gmentar a defesa na India e pôr
o Afghanistau a coberto das ten-
tivas moscovitas.

**As invenções ameri-
canas**—Um americano acaba
de inventar um novo instrumen-
to de musica que, segundo pare-
ce, excede em harmonia todos os
instrumentos conhecidos até ho-
je. Só o nome, de resto, dá uma
ideia dos sons melodiosos que se
poderem tirar d'elle. Chama-se o
Tubatriphascophone!

Ninguem poderia encontrar
um nome mais pinpante!

Na China.—Noticias ul-
timamente recebidas de Shangaí
annunciam que continuam no in-
terior e no norte da China novos
tumultos.

Em Shenpas, uma turba de
vagabundos sitiou a escola de
meninas, sobre a qual arremessou
uma saraivada de pedras. Os
creados do estabelecimento oppo-
zeram a mais viva resistencia,
mas, esmagados pelo numero dos
assaltantes, tiveram de fugir.

A policia accudiu a tempo e
dispersou os amotinados os quaes
trez foram presos e severamente
castigados.

**Uma fera. Scena de
sangue em Marselha.**—Um
trabalhador chamado Colona foi
ha dias preso por ter ameaçado
de morte um superior.

Na policia, antes de o revis-
tarem, vibrou de repente uma
facada no agente que o conduzira,
e deitou a fugir. O secretario do
commissariado proseguiu-o, e ia
a alcançal-o, quando Colona se
voltou e lhe vibrou tambem uma
facada, que o attingiu em pleno
coração.

Outro agente ficou com a ar-
teria do braço esquerdo cortada.

Então accorreram varios agen-
tes, e foi quasi abater o traba-
lhador a golpes de sabre para se
assenhorearem de semelhante fera.

Parece que não sobreviverá
aos ferimentos recebidos.

Uma nova religião.—
Diz-se que acaba de ser fundada
uma nova religião em Nijni-Va-
lachuk, Russia.

Os principios d'essa religião
são os que se encontram no ul-
timo livro do conde Tolstoi: "A
Sonata de Kreutzer". O funda-
dor da nova religião é um perso-
nagem riquissimo e os fieis são,
até agora, homens e mulheres de
grande intelligencia.

O chefe da seita agriculta elle
proprio as suas terras, com o au-
xilio dos seus discipulos. Estes
vivem a vida ordinaria dos al-
deões, de que adoptaram os ves-
tuarios e os usos. Quando não
têm trabalho nas suas proprieda-
des, fazem serviço nas dos casei-
ros, ou trabalham gratuitamente
para os aldeões, a quem procuram
converter ás suas ideias.

Na nova seita ensina-se que
a corrupção da raça humana é
tão profunda que se deve aban-
donar toda a esperanza de tor-
nar melhor a humanidade; o que
de melhor se pode esperar é o
seu aniquilamento: por conse-
quencia a união do homem e da
mulher, sob qualquer fórma ou
pretexto, é absolutamente inter-
dita no novo culto. Terminado o
trabalho manual dos fieis, elles
consagram o seu tempo a expli-
car o Evangelho segundo Tolstoi.

As auctoridades russas ainda
não intervieram no caso, porque,
segundo affirma a folha de que
temos a interessante informação,
não temem a propagação do no-
vo culto.

Litteratura

A MÃO

O sr. Bermutier, juiz de ins-
trução, estava no meio do grupo
e expendia a sua opinião ácerca
do mysterioso negocio de Sain-
Cloud. Havia um mez que esse
inexplicavel crime transtornava a
cabeça de Paris. Ninguem com-
prehendia absolutamente nada.

O sr. Bermutier, de pé, cos-
tas para o fogão, accumulava hy-
potheses, sommava provas, discuti-
a diversos pareceres, mas não
concluia. A ultima palavra, não
a proferia.

Muitas senhoras se haviam
levantado, approximado, e esta-
vam igualmente de pé, olhos fi-
tos nos labios barbeados do ma-

gistrado, de onde saiam graves
palavras compassadas. Ellas es-
tremeciam, vibravam, crispadas
pelo seu medo curioso, pela avida
e insaciavel necessidade de espanto
que lhes persegue a alma, tor-
turando-as como a fome.

Uma d'ellas, mais pallida do
que as outras, pronunciou duran-
te um momento de silencio:

—E' horroroso. Tudo isso per-
tence ao dominio do *sobrenatural*.
Nunca se saberá nada.

O magistrado voltou-se e re-
plicou:

—Sim, minha senhora, é na-
tural que nunca se saiba nada.
Quanto á palavra «sobrenatural»
que acaba de pronunciar, nada
tem que fazer aqui. Estamos em
presença d'um crime muito habil-
mente concebido habilissimamen-
te executado, e tão bem envolvi-
do no mysterio que não podemos
arrancar-o das circumstancias im-
penetraveis que o cercam. Mas eu
n'outros tempos, andei na pesqui-
za d'um crime em que realmente
parecia haver o quer que fosse de
phantastico. E tive de abandonar
as minhas diligencias, por absol-
uta falta de meios de o esclare-
cer.

Muitas senhoras proferiram
ao mesmo tempo, e tão depressa
que as suas vozes se resumiram
n'uma:

—Oh! conte-nos o que foi sr.
juiz.

O sr. Bermutier sorriu grave-
mente, como deve sorrir um ma-
gistrado judicial, e replicou:

—Não creiam, ao menos, nem
mesmo por um instante, que sup-
puz na aventura alguma coisa de
sobrehumano. Creio unicamente
nas coisas normaes. Mas se, em
vez de empregar a palavra «so-
brenatural», para exprimir o que
não comprehendemos, nos servis-
semos simplesmente da palavra
«inexplicavel», era muito melhor
e mais exacto. Em todo o caso,
no negocio de que vou occupar-
me, são especialmente as circums-
tancias que o revestem, as cir-
cumstancias preparatorias que me
impressionaram. Emfim, eis os
factos:

Quando era juiz de instruc-
ção em Ajaccio uma pequenina
cidade branca, reclinada á beira
d'um golpho admiravel que altas
montanhas cinguem como um bra-
celete, os processos principaes que
se me deparavam para instruir
eram, com raras excepções, origi-
nados pela vedetta. Ha-as sob-
berbas, dramaticas quanto é pos-
sivel, ferozes e heroicis. Encon-
tram-se os mais bellos temas de
vingança que se podem sonhar,
odios seculares, applacados um
momento jámais extinctos, astu-
cias abominaveis, assassinatos que
se convertem em massacres e qua-
si em gloriosas. Havia dois annos
que não ouvia fallar senão do
«preço do sangue», d'esse terri-
vel prejuizo corso que obriga a
vingar qualquer injuria sobre a
pessoa que o fez, nos descendentes,
dos parentes mais remotos. Vi
estrangular velhos, lacerar
creanças, apunhalar primos; ti-
nha a cabeça cheia d'essas sinis-
tras historias.

Ora, um dia soube, que um
inglez acabava de alugar por mu-
itos annos uma *villa*, ao fundo do
golpho. Vinha acompanhado d'um
creado francez, que assoldára na
sua passagem de Marselha.

Em breve toda a gente se oc-
cupou d'esse singular personagem
que vivia só na sua residencia,
saindo unicamente para caçar ou

pescar. Não fallava a ninguem,
nunca ia á cidade e, cada manhã
durante uma ou duas horas, exer-
citava-se a tirar á pistola ou á
carobina.

Fizeram-se lendas em volta
d'elle. Pretendia-se que era um
alto personagem que fugia da sua
patria por motivos politicos; de-
pois espalhou-se que se occultava
por ter perpetrado um crime es-
pantoso. Citavam-se mesmo cir-
cumstancias particulares e horri-
veis.

Na minha qualidade de juiz
de instrucção entendi dever pro-
ceder algumas informações ácerca
d'esse homem; mas foi-me impos-
sivel apurar a menor coisa. Dizia
chamar-se sir John Rowell.

Limitei-me pois, a vigial-o de
porto; em boa verdade, nada me
denunciava n'elle coisa alguma
de suspeito.

Entretanto, como a respeito
d'elle continuavam os mesmos re-
mores, engrossando, generalisan-
do-se, resolvi tentar ver o estran-
geiro, fallar-lhe, e adoptei o ex-
pediente de ir caçar igualmente
nas proximidades da sua proprie-
dade.

Esperei a occasião largo tem-
po. Emfim, apresentou-se sob a
forma de perdiz, a que atirei,
matando a nas bochechas do in-
glez. O meu cão foi levantal-a-
mas, recolhendo a caça, fui des-
culpar-me da inconveniencia e pe-
dir a sir John Rowell que acceti-
tasse a ave morta.

Era homem alto, cabellos rui-
vos, barba ainda mais ruiva,
alentado, de largos costados, es-
pecie de hercules placido e poli-
do. Não tinha nada do aspero em-
pertigamento dito britannico e
agradeceu-me vivamente a deli-
cadeza, no francez accituado de
alem Mancha. Ao cabo d'um mez
tinhamos conversado juntos cinco
ou seis vezes.

Uma tarde, emfim, ao passar
em frente da sua porta, vio-o fu-
mando no cachimbo, a cavallo
na cadeira, no jardim. Compri-
mentei-o, convidou-me a entrar
para tomar um copo de cerveja.
Não me fiz rogar.

Recebeu-me com toda a me-
ticulosa cortezia ingleza, fallou
com elogio da frança, de Corse-
ga, declarou que amava bastan-
te *este paiz, este mar, etc.*

Então, como as maiores pre-
cauções e sob a forma de vivo
interesse, aventurei alguma in-
terrogações sobre a sua vida, so-
bre os seus projectos. Respondeu
sem hesitação referindo-me que
viajára muito, na Africa, nas In-
dias, na America. E ajuntos, rin-
do:

—E tenho um bom par de
aventuras, oh! yes.

Depois, mudei o rumo da con-
versa para a caça, e deu-me os
promenores mais curiosos ácerca
do modo porque se fazem as ca-
çadas ao hippopotano, ao tigre,
ao elephante e mesmo ao gorilla.

Observei:
—Todos esses animaes são te-
míveis.

Elle sorriu:
—Oh! não, o peor, o mais
perigoso, é o homem.

E desatou a rir muito espapa-
do,—o bom riso d'um inglez ana-
fado, endinheirado e satisfeito:

—Tambem fiz grandes caça-
das ao bicho homem.

Depois fallou de armas, e of-
fereceu-me entrar em casa para
me mostrar espingardas de di-
versos systemas.

A sala era forrada de negro,

—seda preta bordada a oiro. Grandes flores amarellas desabrochavam no sombrio estofo, brilhando como fogo.

Elle annunciou:

—São tapessarias japonezas.

Mas, no meio da parede mais larga, uma coisa estranha me prendeu a attenção. N'um caixilho de vellude escarlata, destacava-se um objecto negro. Approximei-me: era uma mão, mão de homem. Não a mão de esqueleto, branca e levada, mas uma mão negra, dissecada, com as unhas amarelladas, musculos a nú e vestígios de sangue secco, sangue semelhante a gordura fria, sobre os ossos cortados a golpe firme como de cutele, pelo meio do ante-braco.

Em volta do pulso, enorme cadeia de ferro, afivellada, soldada a esse membro enxovalhado, prendio-o á parede, por meio d'um anel assaz forte, capuz de segurar um elephant.

Perguntei:

—Que vem a ser?

O inglez respondeu tranquillamente:

—Era do meu melhor inimigo. Veio da America. Cortada a sabre e arrancada com pelle. Aparada depois e posta a seccar, ao sol, durante oito dias. Aoh! boa coisa, boa coisa para mim!

Toquei, palpei esse framento humano, que devia ter pertencido a um colosso. Os dedos, desmesuradamente comprimidos estavam presos por tendões enormes que retinham fios de pelle, resequida e retorcida. Era horrosa de ver, essa mão, escorchada assim; fazia pensar naturalmente n'alguma vingança selvagem.

Disse:

—Esse homem devia ser robustissimo.

O inglez pronunciou com dôgura:

—Aoh! yes; mas eu fui mais forte que elle. Puz-lhe a cadeia para segurar.

Julguei que gracejava. Repliquei:

—Entretanto, a cadeia é inutil; a mão não pode fugir.

Sir Rowell respondeu gravemente:

—Todas as suas diligencias tem sido para fugir. A cadeia é necessaria.

Relanceei um rapido olhar para o rosto do inglez, pensando:

—E' doido, ou um detestavel gracejador?

Mas a physionomia de sir John Rowell permanecia impene-travel, tranquillada, benevolente. Fallei de outra coisa e admirei as suas espingardas.

Observei porém, que tres revólveres carregados estavam postos sobre os moveis, como se esse homem vivesse no sobresalto constante d'um ataque.

Tornei muitas vezes a casa d'elle. Depois deixei de ir. Acostumaram-se á sua presença: tornou-se indifferente a todos.

* * *

Decorreu um anno. Ora, uma manhã, pelos fins de novembro, o meu criado veiu acôrda-me e dar-me a noticia de que sir John Rowell tinha assassinado de noite.

Meia hora depois, penetrava na essa do inglez com o commissario central e o capitão de gendarmerie. O criado, desesperado e de cabeça perdida, chorava son-

tado no degrau da porta. A principio suspeitei d'este homem; mas era innocente.

Não foi possivel descobrir o criminoso.

Ao entrar na sala de sir John a primeira coisa que se me deparou foi o cadaver, estendido de costas, ao meio da casa.

O collete estava rasgado; uma das mangas da camisa pendia d'um fio, tudo annunciava que houvera terrivel lucta.

O inglez morrera estrangulado. O rosto negro e inchado, espantoso, parecia exprimir abominavel pasmo; tinha entre os dentes cerrados alguma coisa, e o pescoço, crivado de cinco buracos, ou ulceras, que pareciam feitas a ponta de ferro, estava coberto de sangue.

Veiu o medico. Examinou demoradamente os vestígios dos dedos na carne e proferiu estas estranhas palavras:

Dir-se-ia que foi estrangulado por um esqueleto.

Passou-me um calafrio pelas costas, e relanceei os olhos para a parede, para o sitio onde outr'ora vira pendurada a horrivel mão escorchada. Não estava lá. A cadeia, partida, pendia.

Então curvei-me sobre o morto e encontrei-lhe na bocca, crispada, um dos dedos da mão desaparecida, cortando, ou antes, decepado pelos dentes, justamente na segunda phalange.

Em seguida, procedeu-se ás averiguações. Não se descobriu nada. Nem porta forçada, nem janella, nem movel. Os dois cães de guarda não tinham dado o menor signal.

Eis, em breves palavras, o depoimento do criado:

Havia um mez, seu amo parecia agitado. Tinha recebido bastantes cartas, e queimava-as uma após outra. Muitas vezes, tomando o chicote, n'um accesso de cólera que parecia demencia, chicoteava furiosamente a mão escarnada e secca, pregada na parede e arrebatada, não se sabe como, na hora precisa do crime.

Doitava-se muito tarde e fechava se cautelosamente. Tinha sempre armas ao alcance do braço. Era frequente, de noite, fallar alto, como se altercasse com alguém.

N'essa mesma noite, por acaso, não fizera elle o menor ruido, e foi unicamente quando veiu abrir as janellas, que o criado encontrou sir John assassinado. Não suspeitava de ninguém.

Comuniquei o que sabia do morto aos magistrados e officiaes da força publica, e procedeu-se em toda a ilha a "um minucioso inquerito. Não se descobriu nada.

Ora, uma noite, tres mezes depois do crime, tive um peza-dello horrroso.

Pareceu-me que via a mão, a horrivel mão, correr como um escorpião ou uma aranha ao longo das paredes e dos cortinados do leito. Tres vezes acordei, tres vezes readormeci, e tres vezes tornei a vêr o hediondo despojo humano galopar á roda do meu quarto, agitando os dedos como patas.

No dia seguinte, trouxeram-m'o, encontrado no cemiterio, sobre a sepultura de sir John Rowel, enterrado lá; porque foram inuteis as diligencias para se lhe descobrir a familia. O index faltava.

Aqui teem a historia, minhas senhoras. Não sei mais nada.

* * *

As senhoras, muito pallidas, cheias de terror, tinham arrepios. Uma d'ellas exclamou:

—Oh! isso não é desolace, nem explicação! Não poderemos pregar olho esta noite se não nos disser o que se passou na sua opinião.

O magistrado sorriu com severidade:

—Oh! minhas senhoras, com certeza, vou prejudicar os seus sonhos terríveis. Penso simplesmente que o legitimo proprietario da mão vivia e que veiu buscar a que lhe faltava. Mas, o que não posso é saber como veiu e o que fez. Esta é uma das muitas especies da vendetta.

Uma das senhoras murmurou:

—Não póde ser assim. não.

E o juiz de instrucção, sorrindo sempre, concluiu:

—Eu bem as preveni, minhas senhoras, que não lhes agradaria a minha explicação.

Guy de Maupassante.



CHRONICA

Furadouro, 2 d'outubro.

Esta carta vae já fóra da epocha; porém não se admirem porque o meu aborrecimento é de tal modo demorado e impertinente que eu, para distracção resolvi escrever.

As noticias d'esta praia, além de mera importancia, são raras; no entanto, como bom e fraco, tem consumo, ellasahi vão:—

O ultimo dia de Setembro passado foi luctuoso para os que ainda cá estão e bem alegre para quem lhes disse um "adeus:."

Muitas familias deixaram já esta praia e, salvo engano meu, com poucas saudades.

Porque será?—Ler os corações dos voluntarios fugitivos é-me impossivel, todavia penso que deu logar a essas rapidas fugas muitos e seguidos inconvenientes.

O frio surprehendeu os banhistas demasiado cedo; um nevoeiro intenso conserva-se até dia alto; um sol frouxo allumia a praia por algumas horas até que quando caminha para o occaso vem a escuridão; A abbobada celeste é coberta pela sua capa.

As noites além de frescas, dispersam a multidão dos passeantes por que fere-os com as geladas lagrimas do orvalho.

O mar, ha muitas semanas, sempre embravecido, qual não previne os pescadores de que, terão por tumulo as vagas, cazo a ellas se arrojem, em procura da pesca.

O banho, para mim o melhor bocadinho, não appeteece: é cedo, forte, frio e... porco.

O presidente da Sessão de physica executiva estão prestos a fechar a porta da sala d' discussão porque os seus maiores correligionarios já retiraram e os restantes andam temerosos por cauza de ordens superiores, que—aquí para nós não são compridas. As scenas comicas, cujos papeis teem sido desempenhados pelos reis do Furadouro, no theatro Cerveira etc. parece que tiveram fim.

Eu francamente, que a todas

assisti gratuitamente não as posso elogiar porque se alguns amadores! sahiram á altura do exigido, pelo que leram na distribuição outros andaram muito mal. Não sei a quem devo culpar. Todos eram intelligentes; porém talvez fosse—Quem sabe! negligencia do... ensaiador!

Commentou-se, no domingo ultimo o facto de 23 do passado mez, em face do exposto no jornal d'esse dia, sobre a epigraphe «Selvagerias». A elite, em grupo, na Havaneza do Cerveira, fallou a seu modo sobre o assumpto.

Uns fallavam por paixão, outros politicamente e poucos com imparcialidade.

Achei graça ao ouvir o seguinte: "Não se deve dar importancia a esse jornal," Ri-me muito e comprehendí em seguida que o rival da gazeta era um dos que era ferido, justiceiramente pelas verdades esmagadoras que sobre elle pesavam.

Para fechar esta carta direi duas palavrinhas, só duas, a respeito da assembleia.

Pouca animação, já porque muitas freguezas d'aquella caza se despediram até ao proximo futuro anno (se forem vivas) e já por que as restantes, aborrecidas, pelas suas 30 e tantas visitas alli, pouco prazer encontram. Eu prefiro o mez que corre. A assembleia agora é o areal e o piano são as violas.

Mas ainda ha mais: vezes em diferentes pontos representem os ares cujo echo vae findar para além do carregal.

Quem mais querem?

Se lhes disser que no meu estomago já bateram 3 horas o que tenho o maximo desejo em o contentar por isso vamos a elles e adeus até domingo se houver saude e alguma noticiasinha.

João Sincero.

Annuncios

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados agradecem, profundamente penhorados, a todas os individuos que os cumprimentaram e se dignaram acompanhar e assistir aos resposnos de sepultura de sua chorada esposa, mãe, nora, cunhada e sobrinha Maria d'Oliveira Lopes.

Ovar, 22 de setembro de 1891

Antonio d'Oliveira Leite
Manoel d'Oliveira Leite
Francisco d'Oliveira Leite
Maria d'Oliveira Lopes
Manoel Marques Valente
Manoel d'Oliveira Leite
José d'Oliveira Viegas.

AGRADECIMENTO

Os filhos, genros, netos e sobrinhos de Maria Joanna de Jesus Calma, da rua dos Ferradores d'Arruella, d'esta villa, agradecem penhorados a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do fallecimento d'esta e a todos protestam gratidão.

Ovar, 24 de Setembro de 1981.

AGENCIA FUNERAIAR

Rua da Graça — OVAR

SILVERIO LOPES BASTOS, acaba de estabelecer uma agencia funeraria pelo systema do Porto, tendo todos os aprestes para funeraes os mais modernos e mais economicos que até hoje se tem inventado; n'esta casa encontrarão os snrs. doridos caixões já armados desde o mais barato até ao mais rico que se póde fazer; habitos desde o mais fina seda até ao mais baixa algodão; corôas de flores artificiaes, de perolas e de zinco, desde o melhor ao mais barato, fitas de seda desde a mais larga á mais estreita, guarnições dou, radas, artigos de cartonagem e palheta, sedas lisas e lavradas e enfim um lindo e variado sortido de objectos proprios para funeraes.

Poderão pois os snrs. doridos apresentar as suas ordens n'esto casa e duas horas depois terão o caixão, habito e tudo o que necessitarem sem o mais leve incommodo, tendo para isso pessoa-competentemente habilitado.

PREÇOS RESUMIDOS

LEI DO RECRUTAMENTO

APPROVADA POR

Carta de lei de 12 de setembro de 1887

Seguida das alterações decretadas em 23 de julho de 1891

Preço 40 rs.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio

A' Livraria=Cruz Coutinho =Editora. Rua dos Caldeireiros, 18, e 20—PORTO.

AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Auctor dos romances: As Doi-das em Paris, Mysterios de uma Herança, O Fiacre n.º 13, A Mulher do Saltibanco, Crimes de uma Associação Secreta, As Mulheres de Bronze, Os Milhões do Criminoso, Dramas do Casamento, e outros.

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

4 volumes illustrados com chromos e gravuras a 450 réis por assignatura 1\$800 réis. Cader-netas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a todos os assignantes. Vista geral da Avenida da Liberdade segunda edição com bastantes modificações mede 60 por 73 centímetros, impressão feita a 16 côres valor 500 réis.

Os snrs. assignates que enviarem já directamente aos editores a quantia de 1\$300 réis (sem abatimento), receberão na volta do correio a vista da Avenida da Liberdade e semanalmente as cader-netas tambem pelo correio taupara Lisboa como para as provincias.

EDITORES—BELEM & C.ª 26, Rua do Marechal Saldanha 26—Lisboa.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA
OS
Companheiros do punhal
POR
L. STAPLEAUX

Romancedramatico da maior sensação
ILLUSTRADO

Por semana uma caderneta ao preço de 60 réis.

Brindes de valor a todos os assignantes e angariadores de assignaturas, entre outros: um anel para senhora, um serviço de almoço (China) para 2 pessoas, um cörte de vestido, um relógio de prata, um relógio de ouro para senhora, um pardessus, um centro de mesa, etc., etc., e

Um cheque á vista, de 2 libras

Ninguém deixe de lér o prospecto em distribuição.

Publicada a 1.^a caderneta e á venda n'esta localidade e nos escriptorios da Empreza editora, 1, rua de D. Pedro V, 3 e 5, Lisboa, onde se dirigirão os pedidos.

Peça-se o prospecto illustrado e 1.^a caderneta.

ELEMENTOS

DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agricola, industrial e commercial)

POR

JOSE NICOLAU RAPOSO BOTELHO

Major de Infanteria

e ex-professor do Lyceu Central do Porto

POR O

Magalhães & Moniz—Editores

OS MYSTERIOS DO PORTO

POR

GERVAZIO LOBATO

Romance de grande sensação, illustrado com magnificas phototypias.

Condições de assignatura

No Porto e em Lisboa distribuir-se-ha semanalmente, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, ou 40 e uma phototypia, pelo modico preço de 60 reis cada fasciculo, pago no acto da entrega.

Para as provincias, a remessa será feita quinzenalmente, com inexcedivel regularidade, aos fasciculos de 88 paginas e uma phototypia, pelo diminuto preço de 120 reis cada fasciculo franco de porte, pago adiantadamente.

Para fóra do Porto e Lisboa não se envia fasciculo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe, que poderá ser enviado em estampilhas de 25 reis, vales do correio ou ordens de facil cobrança.

Recebem-se assignaturas na livraria da Empreza Litteraria e Typographica, editora, rua de D. Pedro, 184 Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Agente em Ovar—Silva Cerqueira.

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição correcta e augmentada pelo auctor

Sairá em cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a cada assignante no fim da obra.

Grande vista de Lisboa, em chromo, tirada do Tejo, à vol d'oiseau. Representa com a maior fidelidade a magestosa Praça do Commercio, em todo o seu conjunto as ruas Augusta, do Ouro e da Prata, Praça de D. Pedro IV, theatro de D. Maria II, o Castello de S. Jorge, as ruinas do Carmo, etc. Mede em extensão 72 por 60 centímetros e é incontestavelmente a mais perfeita vista de Lisboa, que até hoje tem apparecido.

MANUAL

DO

PROCESSO ADMINISTRATIVO

Comprehendendo a forma do processo de todas as especies da competencia dos tribuaes administrativos districtaes, desde a sua origem nas diversas repartições, com todos os modelos e formas que lhe são concernentes.

pelo

DR. AUGUSTO CESAR DE SA

JUIZ DE DIREITO, SERVINDO NO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO DE VILLA REAL

Este livro, unico até hoje escripto sobre processo administrativo, e da maior utilidade não só aos que lidam no foro, mas até mesmo ás corporações administrativas e administrações do concelho, publica-se por entregas de fasciculos de 32 paginas, Preço de cada fasciculo, 120 réis.

Póde ser requisitado a Raul de Sá—Editor do MANUAL DO PROCESSO ADMINISTRATIVO—VILLA REAL.

VIDA

DE

LORD BYRON

POR

EMILIO CASTELLAR

VERSÃO DE

FERNANDES REIS

2.^a EDIÇÃO

Com os retratos de Emilio Castellar e de Lord Byron.

1 vol. br. 500 rs.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio.

A' Livraria—Cruz Coutinho, —Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

DRAMAS DO CASAMENTO

POR

XAVIER DE MONTEPIN
VERSÃO
DE
Julio de Magalhães

volumes illustrados com chromos e gravuras

a 450 reis por assignatura

Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, 50 REIS
A distribuição começará em 3 de maio proximo.

Brinde a todos os assignantes
EDITORES BELEM & C.^a
26, Rua do Marechal Saldanha,
26—LISBOA.

Gazeta dos tribuaes administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribuaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fôr promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não poder conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 mezes) 1\$200
Por duas series (um anno) 2\$400

Não se aceitam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

Pelos paquetes de primeira ordem **dão-se passagens gratuitas** a individuos solteiros, homens ou mulheres, que tenham mais de 17 e menos de 51 annos de idade, para diferentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o **Rio de Janeiro e S. Paulo.**

Os passageiros que embarcarem n'estas condições não contrahem divida alguma pelos beneficios recebidos, podendo empregar livremente a sua actividade laboriosa no trabalho que mais lhes convenha.

Solicitam-se e apromptam-se os documentos necessarios e respectivos passaportes, para os passageiros, e prestam-se todos os demais esclarecimentos. Dirigir unicamente:

EM OVAR

Serafim Antunes da Silva

Rua da Praça

N. B.—N'esta agencia vendem-se passagens para todos os portos da Africa Portugueza, por paquetes portuguezes de primeira ordem.

Os compromissos effectuados pelo agente principal ou por seus agentes são compridos com rigo rosa promptidão, segurança e boa fé. Exportam-se mercadorias e embarcam-se passageiros pelos portos de *França e Hespanha.*

NOVO

DICCIONARIO UNIVERSAL

PRTU GUEZ

Linguistico, scientifico, biographico, historico, bibliographico, geographico a mythologico etc.

COMPILADO

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

EDITORES E PROPRIETARIOS

TAVARES CARDOZO & IRMAO

Largo de Camões 5 e 6

LISBOA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

O NOVO DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ contem 2:424 paginas, divididas por dois volumes.

A distribuição será feita em entregas de 96 paginas, tres vezes em cada mez.

Podemos garantir a regularidade da publicação, visto a obra estar completa, toda estereotypada e muitas folhas já impressas.

Os senhores assignantes não correm pois o perigo de ficarem com uma obra incompleta, como tantas vezes acontece.

Em Lisboa e Porto a distribuição é feita em domicilio. Nas demais terras do reino a expedição faz-se pelo correio, recebendo-se anticipadamente o importe de qualquer numero de entregas.

O preço de cada entrega é de 120 réis.

Fechada a assignatura o preço será augmentado com mais 20 por cento.

Toda a correspondencia dirigida aos editores e proprietarios Tavares Cardozo & Irmão, Largo de Camões—Lisboa.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODA PARA AS FAMILIAS

Publicou-se o n.^o de 1 de Julho

Preços: 1 anno réis 4\$000—6 mezes 2\$100 rs.—Numero av lso rs. 200.

LIVRARIA CHARDRON, LUGAN & GENELOUX, SUCCESSORES—PORTO.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Peruambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços **muito reduzidos** para todos aquellos portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados. agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,

Antonio da Silva Nataria

Antonio Ferreira Marcellino.

Pelos paquetes a sahir de Lisboa todas as semanas, **dão-se passagens gratuitas** a familias de trabalhadores ou lavradores, compostas de marido, mulher, avô ou avó com seus filhos, genros, netos ou enteados, para diferentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o **Rio de Janeiro e S. Paulo.**

